

O pecado chamado prazer: análise do paradigma sexual entre os adolescentes membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias a partir da ótica de Michel Foucault

(Sin called pleasure: analysis of sexual paradigm among teenage members of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints from the perspective of Michel Foucault)

Renan Antônio da Silva¹

¹Uni –FACEF – Franca SP
mrrenanantonio@hotmail.com

Abstract. *This article aims to contribute to the discussion of the role of sexual repression that exists in the Mormon Church. It is used in reference to Foucault on sexuality and its conflicts. The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints has the canon of authentic texts accepted by his theology: the Bible, the Book of Mormon, Doctrine and Covenants and Pearl of Great Price. Chastity and moral formation seen in the texts has repressive character, with prohibitions based on biblical texts and steps taken by the church, where he is given the vision of right and wrong for the faithful. Regarding the methodology of work, were used books, magazines and internet related subject.*

Keywords. *Sexualit; Protestantism; Michel Foucault.*

Resumo. *Este artigo tem como objetivo contribuir na discussão do papel da repressão sexual existente na igreja mórmon. Utiliza-se do referencial de Foucault sobre sexualidade e seus conflitos. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem como cânone da fé os textos aceitos por sua teologia: Bíblia, O Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. A castidade e a formação moral vistas nos textos têm caráter repressivo, com proibições baseadas nos textos bíblicos e levada por diligências da igreja, onde se é dado a visão do certo e do errado para seus fiéis. Quanto à metodologia do trabalho, foram utilizados livros, revistas e internet relacionados ao assunto.*

Palavras-chave. *Sexualidade; Protestantismo; Michel Foucault.*

Introdução

No primeiro volume da sua História da Sexualidade, que tem por subtítulo A vontade do saber (1976), Michel Foucault coloca uma tese original sobre a repressão sexual, colocando-se na contracorrente de diversas teorias, tendo maior abrangência, as que estavam em voga, as ideologias da liberação, o freud-marxismo de Reich e Marcuse.

Sendo vistas como teorias do desejo, que em que pesem suas diferenças, convergem em torno da hipótese de que a sexualidade moderna foi objeto de uma progressiva e sistemática repressão nas sociedades burguesas, após um período de razoável liberalidade. A igreja mórmon, com sua fundamentação cristã e com características restauracionistas, tem em seu cânone de fé diversos livros que abordam o questionamento da sexualidade e da castidade, que devem ser seguidas à risca por seus fiéis. No livro Doutrinas e Convênios, uma obra padrão da igreja tem como o papel de instruir os membros e líderes sobre como muitas revelações (feitas por seus apóstolos, que são venerados desde seu fundador e até os atuais, no caso presidentes e ex-presidentes da ordem máxima da igreja, chamada de primeira presidência e quorum dos doze apóstolos). Para os membros da igreja mórmon, o livro Doutrina e Convênios¹ é a voz de Jesus Cristo, confirmando escritos e pedidos contidos no Livro de Mórmon², escrito pelo fundador da Igreja, Joseph Smith. Com base nos livros aceitos pela teologia mórmon, os membros encarregados pela promulgação dos ensinamentos levam em aulas dominicais, encontros familiares, palestras para crianças, o valor do corpo humano, sendo ele o templo para o espírito, devendo se manter limpo, fora da sujeira mundana (pecado). Na luz desse fato, os membros da igreja mórmon são ensinados a abster de bebidas alcoólicas, café, tabaco, e outras drogas prejudiciais; tatuagens, *piercings* (as mulheres só podem usar um par de brincos); e, acima de tudo, a imoralidade sexual. Impurezas dessa natureza não estão limitadas apenas à fornicação e ao adultério, tendo também, as ações que podem levar a pessoa a entrar no mundo pecaminoso, sendo algumas dessas ações: vestir-se sem recato, cultivar maus pensamentos e compartilhar com os demais em piadas sujas, assistir filmes que contenham insinuações sexuais, nudez e cenas de sexo, masturbação, incesto e o sexo antes do casamento, se tornando atos repressivos, principalmente para o crescimento moral e sexual dos membros. Foucault quando fala em repressão sexual, postula a

hipótese de que o reprimir seria apenas uma peça de um dispositivo mais amplo e complexo de incitação e colocação do sexo em discurso pelo poder. Em resumo, trata-se de circunscrever o regime poder-saber-prazer que sustenta o funcionamento e as razões do discurso sobre a sexualidade humana e que tem como um de seus traços característicos a alegação de que somos reprimidos sexualmente, incentivando-nos a buscar uma verdade inscrita no sexo que supostamente nos libertaria, porém, tende-se no caso de uma repressão sexual alegada e feita por uma instituição religiosa o cuidado para não conturbar os preceitos, respeitando a fé individual ou coletiva, que sobrepassa a questão do prazer, pois se revela um fato moderante. O questionar sobre as verdades, pode se tornar algo inquietante ou muitas vezes obscuro, pois desvincular religião e ciência para certos membros, fiéis participantes, assíduos no encontro com o divino tende-se a ser improvável, pois o caráter da verdade ensinada por homens de respeito se torna dogma na vida de um praticante que busca no ensino uma rota para o caminho certo ou a luz no fim do túnel, contrapondo as verdades do prazer, do sexo. Por conseguinte, o sexo não deve ser regulado por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, muito menos temos nele o prazer considerado segundo critérios de utilidade. Ao contrário, o prazer é tomado em relação a si mesmo de acordo com sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas ressonâncias no corpo e na alma. Mesmo que para Foucault, ao dizer que nossa civilização foi a única a praticar uma ciência sexual, desenvolvendo processos para revelar a verdade do sexo, vemos até hoje um tabu formulado há séculos na igreja mórmon que retrai seus seguidores dos prazeres sexuais, conotando tais prazeres, como devaneios para o pecado.

A ciência do sexo: as relações de poder em Foucault e a influência sobre o corpo

Foucault desnuda a razão e a sociedade secularizada, sendo esse cárcere dos membros que a erigiu. Claro que sua intenção não é retroceder, pelo contrário, Foucault redefine o saber aumentando a abrangência científica de discursos até então marginalizados. O biopoder e o pós-modernismo epistemológico de Foucault emerge diante do “boom” das metateorias - Marx, Freud, etc. - do século XIX. Essa mudança de pensamento, que para marxistas ortodoxos se caracteriza em um reconhecimento tácito

do “triunfo” neoliberal, é vista pelos pós-modernos e pelos seus adeptos como uma necessária recodificação dos campos e fronteiras do saber. Os anseios modernistas, nos quais a fragmentação e a busca pelo sentido mor perdido causam uma angustia asfixiante na construção da ciência, são agora celebrados como o próprio signo do homem contemporâneo. O que angustiava agora se tornou a descoberta. Compreender a natureza social é mergulhar sem receios em um fluxo ininterrupto de estilos exauridos que se revitalizam em novas e infundáveis combinações. Tratar de temas como etnia, gênero e sexualidade são demandas do mundo contemporâneo que não podem ser negligenciadas pelo cientista social. Trabalhar o conceito de moral sexual repressiva de Reich, não impede, por exemplo, que se debruce e reconheça a mais-valia. O conhecimento não é e não pode ser bi polarizado sem que haja possibilidade de uma construção dialética entre seus fundamentos. Uma corrente do saber que se isola em sua “auto-suficiência” se torna uma voz que clama no deserto, ou seja, adquire caráter profético e messiânico desconsiderando as mudanças sociais, as particularidades históricas e os limites da ciência, por mais sofisticado que esta seja. Max Weber já alertara sobre os rumos de uma sociedade que pela maiêutica buscava na ciência aporte para a dessacralização de problemas banais a dilemas milenarmente divagados pelo mundo metafísico. Weber chamaria essa tendência de “desencantamento do mundo”. Negar que a vida é dinâmica, para os pós-modernos, seria crer em super-poderes de um homem que não morre, não muda e por isso não renasce.

Em “A história da sexualidade”, Michel Foucault funda ou populariza a *scientia sexualis* (ciência do sexo). Ele demonstra que é irreal pensarmos que só após o iluminismo o sexo passou a de um tema tabu a um assunto a ser esquadrihado. A partir dos séculos XV e XVI, com o advento do renascimento e a revigoração dos ideais clássicos, inaugura-se um arquétipo sócio-cultural que possibilita, mesmo que em estágio embrionário, a discussão sobre o sexo e as idéias associadas a ele. Já no século XIX, Foucault demonstra que a discussão muda de esfera - do religioso ao médico científico-, com ares de neutralidade os médicos são por excelência os intérpretes da verdade sobre o sexo, diagnóstico que trazia amalgamado a sua essência um ranço de evolucionismo antropológico, racismo oficial e uma higienização moral constante que construía um elo entre a noção de patológico com o pecaminoso. Somente em Freud, há

uma inversão nessa escala de potências, o moralismo e os valores da consciência não atingem o homem em toda a sua constituição, ficam na camada superficial de nosso ser, o id que é onde reside nossos impulsos mais instintivos e agressivos, atinge de forma mais intensa nossa psique. O id funciona como uma espécie de memória inconsciente de nossos desejos sexuais que foram historicamente reprimidos. Reich, se utilizando desses conceitos freudianos, chega ao ponto de fazer uma analogia entre regimes políticos e essas camadas de nosso ser.

Foucault ao abranger o poder e seu alcance, nos obriga a uma revisão axiológica deste termo. Ao criar a noção do micro-poder, Foucault consegue reafirmar o caráter coercitivo do poder mesmo ultrapassando os limites clássicos criados pela ciência política. O exercício do poder não se restringe ao aparelho estatal e suas forças de manutenção (polícia). O poder são teias de relação que ocorrem no estado, mas também em relações moleculares do dia-dia. O poder em Foucault não se resume a uma luta de interesses entre dominantes e dominados, não é uma força dual, mas é uma construção humana em que todos os indivíduos e agentes participam, inclusive a instituição Estado.

Foucault ia na contramão do pensamento do professor Renato Janine, o qual restringia a duas formas os modos relevantes de concepção do mundo humano: céticos e libertadores. O estruturalismo de Foucault o fez avesso aos maniqueísmos ideológicos.

Dizendo poder, não quero significar 'o poder', como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um estado determinado. Também não entendo poder como um modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre o outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro. A análise em termos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais. Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização

institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 1993 p. 88-9).

Estas relações de poder exercem forte pressão sobre a sexualidade do sujeito. Não é só a religião exasperada que molda o comportamento sexual *aceitável* do homem. Lógico que o movimento do eu - lírico entre reflexão metafísica e objeto terreno já evidencia choques de poder entre premissas que se divergem. A arte, em suas diversas manifestações materializou tais dilemas. Um dos grandes escritores ingleses do período seiscentista, John Donne, em seu poema “Elegia”, mostra o drama de quem é afetado de forma indistinta pelos dois mundos: religião e erotismo: “Deixa que minha mão errante adentre em cima, em baixo, entre minha América, minha terra à vista, reino de paz se um homem só a conquista. Minha mina preciosa, meu império, feliz de quem penetre o teu mistério. liberto-me ficando seu escravo, onde cai minha mão. meu selo gravo”.

Ao analisar os procedimentos técnicos do poder, Foucault busca interagir os micro-poderes com o poder do Estado. Foucault demonstra que esse poder no âmbito sexual, se destaca de forma a controlar mais do que repreender a liberdade libidinoso, entretanto não só pela força, mas também pelas relações banais que constroem o imaginário coletivo, imputando a um comportamento sexual “anômalo” uma visão de um ser que mereça rejeição, exclusão e censura. Foucault não nega peremptoriamente a repressão sexual, mas não enxerga na mesma um elemento primordial que defina a história da sexualidade, pois sua colocação discursiva obedece a técnicas de poder. Foucault indaga ante a nossa sociedade, pois ela se vê como um ente autônomo das relações de micro-poder exercidas pelos agentes que a constroem diariamente. A sociedade se diz reprimida enquanto ela mesma se silencia diante das normas e leis que exigem esse compromisso social rumo à ordem e ao sexo como biopoder (procriação): “obstina-se em detalhar o que não diz denuncia os poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar.” (Foucault, 1985, p. 14). O amor romântico, a sexualidade plástica (Giddens) e os movimentos feministas, foram algumas tentativas que contribuíram para uma equivalência transacional nos laços pessoais, sendo a intimidade uma espécie de democratização das relações interpessoais. “Democracia” que não é isenta das relações de micro-poder e das tendências epidérmicas afloradas culturalmente. O estruturalista francês, enxerga na temperança a virtude de um homem

dotado de real liberdade. Foucault ressalta com equilíbrio que satisfazer o valor moral (hierarquia do ser humano), dará a própria conduta o selo de uma satisfação que mereça memória.

O poder sabe ser sutil quando necessário. Um bom exemplo é o conceito de poder disciplinar em Foucault, um tipo de poder que não elimina o seu oponente de forma arbitrária, mas depura a força contrária de maneira a depurar as singularidades que a compunham:

De um lado, a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente (e os famosos controles, por exemplo, da masturbação que foram exercidos sobre as crianças desde o fim do século XVIII até o século XX, e isto no meio familiar, no meio escolar, etc., representam exatamente esse lado do controle disciplinar da sexualidade); e depois, por outro lado, a sexualidade se insere e adquire efeito, por seus procriadores, em processos biológicos amplos que concernem não mais ao corpo do indivíduo, mas a esse elemento, a essa unidade múltipla constituída pela população (FOUCAULT, 1999, p. 299).

Foucault não legislou em causa própria, não fez de sua homossexualidade uma ode para criar uma teoria geral sobre a repressão sexual. Mas é inegável que Foucault fundou novos paradigmas para o campo do conhecimento social. O poder estatal não é uma derivação alheia, mas sim um subproduto de um ser chamado eu. Como diria Morin: “A marginalidade é o ponto de partida útil (não-suficiente) para a autonomia do pensamento”.

Moralidade em Sartre e repressão sexual em Foucault: questionamento do certo ou errado, do prazer ou pecado.

Quando em estudos, se usa o termo moral, surge o conceito de lei. Os termos que surgem são, então, muito significativos em sua unidade de expressão: moral, lei, ordenação, ordem, imperativo, obrigação, coação. Tem-se a impressão de que um aparelho exterior de polícia espiritual vem cercear a liberdade e obriga a se escolher por um comportamento que nada tem a ver com as aspirações interiores. Nascendo uma

certa revolta contra toda moral, muito comum entre os contemporâneos (jovens e adultos).

Essa revolta, não se caracteriza pela escolha da imoralidade sistemática; se tal fosse o caso, poderia a cada revoltado, se rejubilar, desde que semelhante atitude, como bem o viu Sartre, "marcará um último recurso ao Bem, porque o Mal não poderia ser sistema: ele é explosão ou não existe". Por outro lado não é a imoralidade, mas a amoralidade que se tornou moeda corrente entre os jovens mórmons, que não agem contra o Bem da escolha em favor do Mal da repressão, ignorando simplesmente um e outro, pretendendo assim, agir para além de toda categoria moral, recusando o imperativo, a obrigação, porém não se esquecendo das amarras que a religião deixa em seus membros, por meio de suas explicações dominicais ou estudos de seus textos semanais, que martelam significadamente homens e mulheres *reformulados* para o bem comum de todos os praticantes. Em suma, a revolta não é feita contra o *bem*, mas contra a *lei*, a fim de salvaguardar o mais precioso dos dons: a liberdade. Camus reflete bem esta mentalidade quando escreve que a lei, em sua essência, está votada a violação. A liberdade em agir por conta própria dos jovens mórmons, é vetada em diversas ensinos, principalmente por seus presidentes que falam muitas vezes por palestras ou também por artigos publicados em revistas, tendo a mais conhecida e estudada a Liahona.

Spencer W. Kimball (1895-1985), décimo segundo presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, respeitado por seus membros como um profeta, como todos os ex-presidentes e também conseqüentemente pelo atual presidente, ensina que:

Dentre os pecados sexuais mais comuns cometidos pelos jovens, encontramos as intimidades. Essas relações impróprias em geral não apenas conduzem à fornicação, gravidez e aborto. Todos pecados são abomináveis, mas por si só são males perniciosos e é quase sempre difícil para os jovens distinguir onde um começa e o outro termina. Despertam a luxúria e originam pensamentos indignos e desejos sexuais. São componentes de toda uma família de pecados e imprudências afins (KIMBALL, 2006 p.71).

A lei da castidade para os mórmons se torna um meio para se evitar danos emocionais e físicos, que podem acontecer quando um relacionamento sexual vai

adiante ou gera uma criança fora do casamento (vista para os membros solteiros). Ainda, se ensina que a castidade significa mais do que apenas não se relacionar sexualmente; significa não fazer qualquer coisa que possa despertar o sentimento sexual, sozinho ou acompanhado. Dessa forma, a igreja ensina que não se deve encontrar com sexo oposto sozinhos, sem beijos impetuosos, sem toques nas partes íntimas (conotando que o corpo humano é divino, templo do espírito santo).

Para os membros que quebram as leis da igreja, é oferecida um julgamento, feito pelo bispo ou presidente da estaca local, que vai dar o parecer sobre o caso, se acontecerá o perdão diante da igreja e a volta do "pecador" aos serviços que estavam sendo feitos pelo mesmo diante do grupo religioso.

Kimball (2006, p. 334) explanando sobre o caso, relata que:

Para todo perdão existe uma condição. O jejum, as orações e a humildade devem ser iguais ou maiores do que o pecado. Precisa haver um coração quebrantado e um espírito contrito, lágrimas e uma mudança genuína no coração. Precisa haver a consciência do pecado, o abandono do mal, a confissão do erro às autoridades do Senhor.

O ex-presidente ainda previne seus membros sobre o pecado e suas consequências, enfatizando a quebra da união com Deus que é feita, quando se rompe uma regra:

Embora o perdão seja tão abundantemente prometido, não existe promessa nem indício de perdão para a alma cujo arrependimento não seja completo. Nunca será demais a ênfase que dermos ao lembrar as pessoas que não podem pecar e ser perdoadas e pecar outra vez, e outra, e mais outra, e esperar que o perdão lhes seja concedido (KIMBALL, 2006 p. 340).

Foucault em seus estudos mostra que a interdição sexual não é o elemento fundamental e constituinte, do qual se pode escrever a história do sexo a partir da Idade Moderna. Colocando a hipótese repressiva numa economia geral dos discursos do sexo a partir do século XVII, mostrando que os elementos negativos ligados ao sexo (proibição, repressão, etc.) têm uma função local e tática em uma colocação discursiva, em uma técnica de poder, em uma vontade do saber.

A hipótese de Foucault é que a partir do século XVIII, ocorre uma proliferação de discursos sobre sexo, variedades de formas para o formular e o estudar de algo que era visto antes, como tabu ou maléfico. Diz ele que foi o próprio poder que incitou essa proliferação de discursos, através de instituições como a Igreja, a escola, a família, o consultório médico. Essas instituições não visavam proibir ou reduzir a prática sexual. Visavam, sim, o controle do indivíduo e da população, como a taxa de natalidade, questões ligadas a doenças (DST, AIDS), aborto, etc.

O conhecimento do corpo, e o não reprimir da sexualidade, se torna uma necessidade moral para os membros, não sendo uma coação divina, ou como uma lei a ser respeitada e não quebrada. Os estudos da igreja mostram que Deus obriga o homem a ser homem; ele obriga mas não o força isso. Tomas de Aquino expressiu muito bem este equilíbrio entre o imperativo do mandamento e a liberdade intocável que é a do homem (livre escolha, livre arbítrio): *Deus neminem ad virtutem compellit* (Deus não força ninguém à virtude). *Saint-Exupéry* diz que "tu reconhecerás um dever... o qual, em primeiro lugar, não compete absolutamente a ti escolhê-lo". Não é função do homem para a teologia determinar o bem, mas optar por ele numa liberdade superior que é uma escolha racional e sensata (contra o mal irracional e insensato). A liberdade se torna, assim, obediência, sem ser destruída, porque no bem ela encontra seu desenvolvimento com a eclosão do ser humano.

É a ética que nos fornece a mais perfeita prova deste milagre de uma invenção que é a descoberta, de uma liberdade que é a obediência e de uma escolha de si mesmo, pela qual o universal subsiste e se completa no singular, sem destruí-lo ou diminuí-lo (JOLIVET, 1965, p.64).

Assim, como essa liberdade, o imperativo moral também é interior. Deriva da exigência do *eu*. Tal moral, solidamente compreendida, claramente situada em uma perspectiva de interioridade, é uma moral de liberação. Da mesma forma, é evidente que toda liberdade se perde desde que não se enquadre em um dever, ao qual se submete a fim de ser verdadeiramente livres para escolhas. A liberdade não é, portanto, um dado indeterminado apto a ser solicitado do exterior humano, ela é um fenômeno interior que cria o homem. O homem livre deve desta maneira, saber o que quer e porque o quer; deve ser consciente do fim para o qual o conduz determinado exercício de sua liberdade.

Nem a inconsciência, nem a cegueira, nem a passiva indeterminação pode coabitar no homem verdadeiramente livre.

Religião e prazer: da repressão ao sublimar da felicidade

Quem quer que se interrogue sobre a sexualidade deve, antes de tudo, notar-lhe a ambiguidade. Há não muito tempo à tendência de todos os moralistas era de considerar a energia sexual como uma fonte de perturbações profundas, como uma constante ameaça à moralidade; parecia-lhes que a carne era o lugar mesmo da encarnação do mal. Chegou-se, assim, a partir de S. Paulo e S. Agostinho, a alimentar, em relação à força sexual e aos imperativos biológicos que ela suscita um pessimismo total, uma absoluta desconfiança. Concedia-se o casamento como uma fraqueza, aos infelizes incapazes de abstinência carnal. O brado de São Paulo tornou-se famoso: *Melius est nubere quam uri*. A célebre concupiscência da carne era impiedosamente fustigada, flagelada, repudiada com uma espécie de santo horror. Maléfica por essência, ela devia ser extinta se quisesse o fiel ser salvo. Primeiro aspecto da ambiguidade: a sexualidade era uma força perturbadora e perigosa em relação à qual se deveria manter uma atitude de desconfiança. Mas, eis que o século XIX produziu o apóstolo da sexualidade. Com Freud e seus inumeráveis discípulos, ia se operar uma rápida contra volta; do tabu que tinha sido até então, a coisa sexual ia se tornar, por assim dizer, sagrada. O gozo carnal tomava forma de religião, seus numerosos sacerdotes, psicólogos, psiquiatras, psicanalistas, não viam mais o mundo a não ser através do sexo e faziam nele repousar a salvação e a felicidade. Michel Foucault formula a idéia de que a repressão conota a miséria sexual, e para o filósofo a felicidade depende da liberação da sexualidade.

Os sexólogos, psicólogos, médicos, conhecidos por detentores do saber, apresentam a revelação dos segredos que oprimem o ser humano de suas frustrações sexuais em busca da libertação, da felicidade. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias questiona o verdadeiro valor da felicidade, voltando para seus fiéis, o Livro de Mórmon, que é a base teológica e doutrinal da igreja, inviolável segundo os dogmas aceitos pelos membros:

Joseph Smith traduziu o Livro de Mórmon para o inglês pelo dom e poder de Deus. Ele disse que o livro 'é o mais correto que existe sobre a face da Terra e a pedra angular de nossa religião e [que] um homem pode se aproximar mais de Deus observando os seus preceitos do que pelos de qualquer outro livro.' (HYSTORY OF THE CHURCH, 4:461)

O livro mostra para o leitor que os limites são formas de dar ao homem a *felicidade*, pois o ser humano que não é voltado para regras, acaba se tornando um sujeito fácil a erros e conturbações pecaminosas.

As regras, seguidas cuidadosamente pelos mórmons é vista desde a época do *namoro*, pois o casal é proibido de se encontrar sem algum acompanhante (pais, primos, ou por membros da igreja) com a desculpa de que é para o bem dos mesmos, pois com um olhar (vigiar) o casal não cai em tentação carnal, muitas vezes colocando o homem como um animal, que não regra seus extintos e desejos, cometendo um erro freqüente, a assimilação à sexualidade humana à sexualidade animal. Pelo fato de ser a expressão biológica desta potência assimilável nos dois casos, apressa-se por concluir-lhes a identidade. Ora, nada mais errôneo do que semelhante interpretação que repousa sobre uma confusão de importância. Num caso, com efeito, este impulso é todo mergulhado no instinto, portanto na irracionalidade; no animal; o desejo sexual e sua realização são o fato do determinismo. Também em sua irracionalidade, encerrados num processo pré-determinado ao qual não poderiam escapar, os animais não têm alternativa senão se abandonar á sua inclinação natural; para eles, nem obsessão, nem aberração no sentido próprio da palavra, pois que elas só são possíveis onde a inteligência entra em jogo e é capaz de se fixar num objetivo de modo doentio. Para o animal, a irracionalidade é a garantia de um exercício normal da função sexual, não barrado por conceitos, em que o homem muitas vezes se torna limitado, por vínculos religiosos, sociais e morais. O homem está em uma situação muito mais delicada; por sua própria natureza, ele se encontra colocado em um contexto dialético, convulsionado entre carne e espírito, entre determinismo e liberdade, entre irracionalidade e racionalidade. É pela via da liberdade e da razão que o homem encontrará o caminho de sua normalidade. Ele não poderá em nenhum momento, se abandonar unicamente ao jogo dos hormônios e se submeter aos impulsos do desejo, sem mais. Por causa dessa interferência da liberdade e dos valores

racionais, o homem deve canalizar sua potência sexual segundo determinadas leis (religião) e sem função das exigências de seu ser. Aparecerá então uma moral da sexualidade humana que, evidentemente, não poderia se aplicar à sexualidade animal. A repressão não suprime a sexualidade, sendo ela humana; ela faz parte de um dispositivo mais amplo que a incita (FOUCAULT, 1988).

Assim, compreende-se que a sexualidade não é boa ou má em si. Pode se dizer que ela é ambígua, isto é, que pode ser boa ou má segundo o que dela fizerem. Compete a sociedade fazer dela um valor altamente realizador e enriquecedor, ou um elemento de aberração, de destruição, uma escravidão vazia de valores humanos superiores.

Se olharmos a visão da sexualidade na igreja mórmon, veremos uma total disparidade repressiva, pois o ápice do caminho a santidade de seus praticantes é de um casamento eterno feito em templos espalhados pelo mundo, por pessoas puras (virgens) e preparadas para a procriação, dando o conceito de sexualidade como força superior. Reuss descreveu otimamente essa extraordinária dimensão que faz dela uma força superior:

A sexualidade, pela qual Deus quis que o ser humano existisse como homem ou mulher, não só limita às particularidades masculinas ou femininas com que o Criador dotou o corpo humano. Ela marca, igualmente, a alma espiritual unida ao corpo. É o homem todo, e não somente seu corpo que é sexuado. Com efeito, o corpo e a alma não existem separadamente, cada um por si; eles se completam um ao outro e formam juntos um todo tão perfeito que cá em baixo a alma não pode existir sem estar unida ao corpo, nem o corpo sem ser animado pela alma. O ser humano todo inteiro, como pessoa-num-corpo, é inevitavelmente marcado pela sexualidade que faz dele um homem ou uma mulher. É a razão pela qual a sexualidade tem um papel a desempenhar para que a pessoa-num-corpo se desenvolva no sentido de personalidade moral e, assim, progrida na semelhança com Deus (REUSS, 1965, p.142).

Orá, como Deus é amor³, é em se fazendo amor que o ser humano, pessoa-num-corpo, responderá a sua vocação existencial. A sexualidade pessoal não pode, assim, se exercer senão como uma relação interpessoal em que, para além de dois rostos, duas almas se esposam (casamento eterno mórmon, explicação do certo perante a passagem mundana, vista pelos mórmons, em que o homem-mundano se rebaixa ao pecado cometendo atos sexuais).

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em lugar de formar sua juventude e prepará-la para um comportamento sexual equilibrado, independente adulto, não se consegue senão deformá-la, de modo que a maioria chega ao casamento seriamente prejudicada. Entre os obstáculos circunstanciais o primeiro é certamente, um dos mais difíceis de vencer, o da educação religiosa; talvez se devesse falar antes de des-educação. Formar homens, é formar questionadores e não repressivos que buscam a verdade, sem saber se as mentiras ou erros não são aprendizados para o acerto.

Conclusão

Elaborar o conceito de repressão sexual como um sistema anterior, exterior e superior à autonomia do indivíduo é uma tarefa sob a qual sociólogos, historiadores e cientistas do campo social se ocuparam. O intuito deste trabalho não foi e nem poderia ser negar as pressões que as relações sociais exercem sobre o indivíduo. Tanto no campo macro (Estado), quanto nas micro teias de significação social (repúdio de um vizinho, admoestação de um presbítero, bronca de um pai), o homem enquanto indivíduo é forçado a encarar sua natureza em constante embate aos limites *anti-libertinos* que o Estado, a Igreja e a própria sociedade lhe imputa. A reflexão central que este artigo se ocupa é até onde o sujeito pode ser encarado como vítima desse processo repressivo, já que ele mesmo é um elemento constitutivo e elaborador das relações de micro poder. O sujeito não é mero espectador de um ente *distante e super-poderoso* chamado sociedade, uma parcela imensurável dessa repressão deve ser encarada como um controle disciplinar que o indivíduo cria para si; e como toda escolha individual que não afeta um terceiro, essa é mais uma que merece estudo e respeito antes de um juízo precipitado, fundamentalista e *repressor*.

Notas

¹ Doutrina e Convênios é o nome de uma parte das escrituras-padrão, que formam a base da doutrina de fé de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. As obras-padrão de A

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são: A Bíblia, O Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e a Pérola de Grande Valor. Além disso, os Mórmons (apelido dos membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias) também creem em revelação moderna. A obra foi publicada pela primeira vez em inglês no ano de 1835, e constitui-se de revelações modernas que teriam sido enviadas por Deus por intermédio de Joseph Smith Jr. e entre outros profetas mórmons para restauração da verdadeira igreja nos últimos dias. A Comunidade de Cristo, outra ramificação do Movimento dos Santos dos Últimos Dias também aceitam o livro. Porém em comparação com o livro utilizado pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, diferencia-se substancialmente, já que a versão da Comunidade de Cristo reúne os ensinamentos e revelações principalmente dos seus Profetas-Presidentes até os dias de hoje.

² O Livro de Mórmon é um "volume de escrituras sagradas em separado da Bíblia" e faz um "registro da comunicação de Deus como os antigos habitantes das Américas" além de "conter a plenitude do Evangelho eterno". De acordo com o relato do próprio livro, ele foi escrito por muitos profetas antigos, pelo "espírito de profecia e revelação". Suas palavras, escritas originalmente em placas de ouro, foram resumidas por um profeta-historiador chamado Mórmon e por este motivo o livro tem este nome até hoje. O registro contém um relato de duas grandes civilizações. "Uma veio de Jerusalém no ano 600 a.C. e posteriormente se dividiu em duas nações, conhecidas como nefitas e lamanitas. A 'outra' veio muito antes, quando o Senhor confundiu as línguas na Torre de Babel. Este grupo é conhecido como Jareditas. Milhares de anos depois (segundo a obra) foram todos destruídos, exceto os lamanitas, que (de acordo com os relatos descritos na obra) são os principais antepassados dos índios americanos". Estes registros teriam sido mantidos por profetas que viveram entre esses povos, até que Mórmon, um desses profetas, fez uma compilação desses anais num único volume, gravado em placas de metal. Moroni, filho de Mórmon, recebeu essas placas e acrescentou nas mesmas o seu próprio registro, e ocultou-as segundo orientação que acreditava ser divina.

³ 1 Jo 4,8.

Referências

FOUCAULT, M. *Em Defesa da Sociedade: Curso no Collège de France (1975 – 1976)*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *História da Sexualidade: A vontade do saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

JOLIVET, Régis. *Curso de filosofia*. 6 ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1965.

KIMBALL, Spencer W - *Livros das Tradições*, 2006, p.340.

REUSS, J. M. *Les grandes lignes e'une pédagogie sexuelle*. Paris: Études Religieuses, 1965, 142 p.

SARTRE, J. P. *Saint Genet, comédien et martyr*. Paris: Gallimard, 1964, 230 p. Livro de Mórmon, cap. 7, 18-19.

(Trabalho apresentado no XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG), GT 19: Protestantismos e pentecostalismos na modernidade.)

Recebido em 08/05/2014

Aprovado em 24/09/2014